



| **Mia Couto** |

(n. 1955) é o nome por que havia de ficar conhecido António Emílio Leite Couto. Mia Nasceu na cidade da Beira, Moçambique, filho de pais portugueses – o pai natural do Porto, a mãe da vila de Armamar, Viseu. Em 1972 deixou a Beira para cursar Medicina em Lourenço Marques, actual Maputo, e em 1972 estreou-se no jornalismo. Depois da independência de Moçambique, foi director da Agência de Informação de Moçambique, da revista Tempo e do jornal Notícias de Maputo. Desistiu da Medicina e acabou por formar-se em Biologia, em 1985. Dois anos antes, publicara o seu primeiro livro de poemas, "Raiz de Orvalho", seguido de duas colecções de contos: "Vozes anoitecidas" (1986) e "Cada Homem é uma Raça" (1990). Em 1992 aventurou-se no romance, com "Terra Sonâmbula" e hoje tem muitos outros livros conhecidos como "Vinte e Zinco" (1999) ou "Mar me quer" (2000). A sua editora em Portugal é a Caminho.

O contrabandista de palavras

O autor moçambicano regressa com “Jesusalém”, romance sobre a loucura e a solidão dos homens e dos lugares. Mia Couto diz-se «honrado» por ser conhecido como inventor de palavras mas garante que os seus livros vão mais além.

Estamos num combate de boxe: Mia Couto levanta-se, decidido, para mais um assalto à Língua portuguesa. Não interessa quem sai vitorioso do ringue mas, para que conste, é quase sempre o escritor. Porque refaz, parte, inventa o idioma de Camões. «Se eu ficar conhecido como um inventor de palavras, ficarei muito honrado com isso. Para mim, a palavra tem esse dom sagrado, é um território onde me parece que posso ter esse alcance divino de nomear o mundo pela primeira vez», começa por dizer Mia Couto, com romance novo, “Jesusalém” (Caminho; ver crítica nesta edição).

O que incomoda o autor é que a análise dos seus livros «seja reduzida ao seu aspecto linguístico, àquilo que é a oficina linguística». Que só existe porque a poesia que quer introduzir, a sua visão do mundo, «nem sempre se pode servir da língua já feita e isso implica que tenha que rearranjar a língua, tenha quase que fundar um idioma». Mia Couto garante nunca fazer uma elaboração forçada para introduzir uma palavra que não tenha cabimento em determinada história. «Essa palavra depois vai encontrar um lugar mais tarde. Parece-me grave tentar encontrar um contexto falseado onde essa palavra possa existir.»

Na sala onde conversamos com este moçambicano filho de pais portugueses, no edifício da Leya, em Alfragide, não há vestígios desta luta linguística e o ambiente é até asséptico. De livro na mão, já desfizéramos o equívoco do título há umas semanas, mas ainda há muito quem pense que “Jesusalém” é “Jerusalém”, como o romance que valeu a Gonçalo M. Tavares o Prémio José Saramago em 2005. Mia Couto não se espanta com a confusão e conta até que falou com o autor português

acerca disso, «para saber a sua opinião». «Mesmo sendo um outro título, é tão próximo que eu queria que ele fosse informado. E o Gonçalo reagiu bem.»

O título, “Jesusalém”, justifica-se porque o livro «fala de um território que, mesmo sendo o resultado de um delírio de um dos personagens, fica na fronteira entre o sagrado e aquilo que é uma espécie de invenção da loucura, um assalto ao que existe». A personagem delirante é Silvestre Vitalício, homem outrora casado com Dordalma, cunhado de Aproximado e pai de Mwanito (o principal narrador) e Ntunzi. “Silvestre não sonhava, nem guardava notícia. No princípio, ele queria um lugar onde ninguém se lembrasse do seu nome. Agora, ele próprio já não se lembrava quem era” (p. 25).

O NOME CERTO

«Todos os meus personagens, de todos os livros, têm nomes que não se pretendem verdadeiros, não se pretendem naturais. Quero mostrar que estou também inventando personagens, embora vou dizer que em Moçambique estes nomes são possíveis, não são completamente do domínio do imaginário», prossegue Mia Couto. Percebemos nesta obra um piscar de olho ao sagrado e o autor admite que, apesar de não ser «religioso a título formal», a sua vida pode resumir-se assim mesmo: «Uma procura do sagrado, do divino, entendendo o divino de uma maneira ligada à epistemologia da palavra, de ligação com tudo, com a plenitude.»

Mia Couto vive num espaço em que há uma fronteira ambígua entre a vida e a morte e explora esse tema no seu romance. «Os mortos, em Moçambique, existem na condição de que não estão mortos, não morrem. Eu acho que os mortos não morrem em lado nenhum. Mas naquele lugar eles existem de uma maneira muito

TEXTO

Hélder Beja

FOTOS

Artur

particular, porque continuam comandando o sentido das coisas dos vivos», explica.

É esse comando dos mortos sobre os vivos que, no romance, leva Silvestre Vitalício, os filhos e o fiel militar Zaccaria Kalash para um local onde pretendem começar de novo, fundar um Estado, uma terra sonâmbula chamada Jesusalém. «Este livro é quase sobre essa impossibilidade de começar de novo. O mundo de hoje não permite que existam essas ilhas, que existam outros mundos. É totalitário, hegemónico», atira o autor.

Mía, que vive em Maputo, mas passa quase todo o tempo fora da cidade – fruto da profissão que leva: biólogo a trabalhar numa empresa de estudos de impacto ambiental – refere-se ao «tipo de vida, de metas e objectivos que se coloca como destino dos homens da cidade». No livro há este tio, Aproximado, que faz a ligação entre a cidade e Jesusalém. «Ele de facto tem essa habilidade porque consegue dar-se bem num mundo em que as coisas se vendem e se compram, adquiriu essa capacidade de mutação, de ser um pouco camaleónico».

«O ESCRITOR, QUANDO ESCRIVE SOBRE UMA MULHER NÃO PODE "ESCREVER SOBRE", ELE TEM DE SER UMA MULHER» MIA COUTO

Sem essa possibilidade de contacto com a cidade, as pessoas e as mulheres, está o narrador do livro, Mwanito, filho mais novo de Silvestre que, uma por uma, vai apresentando as personagens do livro. Aqui, Mía Couto explora a infância ou a ausência dela. «Acho que temos temos a ideia de que algumas crianças não têm infância, mas não acredito que haja alguma que, por muito dura que seja a sua vida, não invente um lugar de infância. As crianças têm essa capacidade mais forte do que nós pensamos, de construir a infância e de vivê-la.»

Mía Couto não precisou, quando miúdo, dessa capacidade. Porque viveu «numa espécie de paraíso». Agora sim, diz que está condenado: «É muito difícil viver sem me confrontar com esse sentimento de orfandade, como se aquilo [a cidade da Beira, onde nasceu] fosse uma grande casa de onde nunca saí».

O autor teve a experiência de regressar, muitos anos depois, ao lugar da sua infância, e recorda: «Eu não queria voltar, tinha medo, medo me confrontar com uma realidade que sabia que estaria muito destruída. Mas um dia ganhei força e fui, e lá estava essa casa, um destroço. Dei a volta, vi uns miúdos a brincar no mesmo pátio e alguns dos jogos ainda eram os mesmos a que eu brincava. Acho

que foi uma terapêutica fantástica, sem saberem aqueles miúdos tinham-me devolvido uma coisa muito grande».

ÁFRICA, ESSE LUGAR

Para muitos europeus, o continente africano encerra mistérios e exerce uma espécie de atracção. Mía Couto sabe disso e não é ao acaso que em “Jesusalém” – como no anterior “Venenos de Deus, Remédios do Diabo” – há uma personagem portuguesa que muda de continente em busca de amor. «Comecei a fazer este livro enquanto estava a fazer o “Venenos de Deus, Remédios do Diabo” e, de facto, tinha ideia de fazer uma história que, para mim, respondia a este grande enigma de como é que alguns europeus vão para África e se perdem em função de uma mulher ou de um homem. Acabei por partir isso, que era a ideia de uma história, por dois romances.»

Perguntamos-lhe se concorda que este, “Jesusalém”, é um livro mais conseguido. «Concordo. Para já, este livro foi feito durante mais tempo, é uma ideia que germinei durante três anos ou mais. O outro fi-lo enquanto estava pensando neste. Foi como que uma história que rebentou desta, uma bolha que depois se soltou. Evidentemente que se publiquei os “Venenos de Deus (...)” foi porque gostava do livro. Mas acho que este tem uma outra densidade, uma construção mais acabada e conseguida.»

Em “Jesusalém” a mulher é a portuguesa Marta, uma estranha que vem agitar o quotidiano de um universo completamente masculino.

“- Desculpe, a senhora é mesmo uma mulher?

A intrusa ergueu os olhos, feridos por uma dor antiga. Demorou uma nuvem, sacudiu uma tristeza e perguntou:

- Porquê? Não pareço mulher?

- Não sei. Nunca vi nenhuma antes.” (p. 133)

Mía Couto também narra pela boca desta personagem. «Pensei que era preciso, para revelar a irracionalidade daquele universo de Jesusalém, um olhar completamente exterior. Que fosse exterior no sentido da referência cultural, mas que também fosse exterior no sentido em que era a primeira mulher que entrava em convívio com um mundo habitado só por homens». E chega mesmo a tocar a sexualidade, assumindo voz feminina. Sobre isso, o autor diz não sentir dificuldade maior. «No fundo o escritor tem de ser essa espécie de contrabandista, tem de ser outro e tem de ter a habilidade de ser outro. Quando escreve sobre uma mulher não pode escrever “sobre”, ele tem de ser uma mulher. Gosto desse exercício. Não sei se sai bem ou não, isso são os outros que têm de dizer, mas tenho um grande gosto em fazê-lo, em transmutar-me.»

MAIS PRÓXIMO DO BRASIL

Conhecemos as particularidades da literatura africana de expressão portuguesa, o seu canto e encanto. Mas haverá



Poesia | O encontro com Sophia de Mello Breyner foi inesquecível

um traço que a una? «Creio que sim, nem que seja porque estamos amarrados a estereótipos e a clichés. Mas existem referências de lugares e de uma certa interioridade que me parecem que se partilha... principalmente o assunto com o qual começámos esta conversa: a morte e o lugar dos mortos, isso marca de uma maneira clara a diferença entre um escritor africano e um europeu». Queremos perceber porquê e Mía Couto diz-nos que para um escritor europeu «o assunto maior é a morte em si mesma», enquanto que para os africanos «o assunto são os mortos, nesse sentido que os mortos negociam o poder com os vivos». E aí começa a proximidade com o Brasil.

«Por exemplo, no Brasil a invocação da desgraça é evitada e isso está claro naquilo que é “vira essa boca para lá”. Isto é a maneira de exorcizar o que é negativo. Em Portugal, acho que a operação é um bocadinho inversa: é preciso nomear a desgraça. Vejo aqui pessoas de idade que, quando começam a falar sobre doenças, vem outra e compete, dizendo “mas eu estou muito mais doente”. Em Moçambique isto é muito mais próximo do Brasil, sobre a desgraça não se fala, não se convoca.»

Essa proximidade cultural reflecte-se também no idioma. Mía Couto, como é sabido, não concorda com alguns pontos do novo Acordo Ortográfico. Mas se tiver de aproximar-se de uma das normas (portuguesa ou brasileira), não hesita. «Posso responder já, que é do Brasil. Acho que o português do Brasil teve uma grande influência africana. Aquilo que parece uma estranheza em relação à norma portuguesa, como é a colocação do pronome sujeito por exemplo, está em Moçambique, está em Angola».

Mía descobriu estes parentes brasileiros através da música e de alguns textos de Jorge Amado. Mais tarde, quando pegou nos livros de Guimarães Rosa (1908-

1967), percebeu que, afinal, eram mais que parentes, eram irmãos. «O Guimarães Rosa foi quem, de facto, me inspirou mais profundamente sobre a possibilidade de assaltar o português», resume o autor que há pouco tempo esteve no Brasil, onde recebeu o afecto de leitores. «Algumas pessoas disseram-me coisas que são muito comoventes para mim e isso é um grande prémio».

Prémio. Uma palavra de que Mía Couto não tem medo. Gosta de recebê-los e di-lo sem problemas: «Acho que toda a gente gosta. Pode cair bem essa coisa meio “blasé” de dizer que não, mas é evidente que gostamos». Frontal, Mía Couto tão pouco esconde que sim, «gostava de ganhar o Prémio Camões», e que não conhecia antes a obra de Arménio Vieira, laureado este ano. «Tinha uma referência muito vaga de um ou dois poemas dele, mas não conhecia. Agora telefonei-lhe a dar os parabéns e ele mandou-me um livro». Em relação ao mesmo galardão, o moçambicano alerta para o poeta brasileiro Manoel de Barros: «É um caso a que o Prémio Camões tem de estar atento, porque ele tem 92 anos. Esta cultura de nos lembrarmos das pessoas quando elas já morreram tem de ser revista».

DE PORTUGAL, COM AMOR A SOPHIA

“Jesusalém” é também a história da vergonha de um homem, Silvestre Vitalício. Quando olha para trás, Mía Couto não sente vergonha mas... «às vezes, quando releio coisas minhas, não é que me envergonhe... mas tenho um sentido crítico apurado e sinto uma espécie de dor por ter errado ou feito de uma maneira muito ingénua. Às vezes penso que escrevi demais qualquer coisa, tenho esta ideia que era melhor não ter escrito do que ter escrito demasiado. Um livro demasiadamente escrito é um mau livro».

Não é o caso deste último romance, que está pejado de poemas de Sophia de Mello Breyner (1919-2004). «Ela marcou-me muito e é por isso que está presente neste livro», revela Mía Couto. O autor teve mesmo a oportunidade de conhecer Sophia pessoalmente, durante uma cerimónia oficial em Lisboa. «Querida dizer-lhe alguma coisa porque tinha um carinho profundíssimo por esta senhora. Feito fugitivo, passei-me para o corredor porque às vezes tem-se dificuldade em respirar nessas cerimónias. Fui para uma varanda e ela apareceu inesperadamente, movida pelo mesmo desejo de escapar, e começámos a falar sobre o jardim que estava à nossa frente. E ela começou a falar de uma maneira... como se estivesse a escrever. De repente, descobri que tinha uma filha que estava em África e dizia-me: “A minha filha está reinventado a vida como nós olhamos para este jardim e estamos a ver muito mais que um jardim”. Para mim foi muito bonito, por ser inesperado e por nos termos encontrado de uma forma poética...» A poesia, sempre presente na vida e obra de Mía Couto.... ¶